

O novo flâneur

Personagem da Era Moderna, o flâneur ainda incita o pensamento urbano contemporâneo

FERNANDA PASSOS, MARIANA GOUVÊA, RAPHAEL TOSTI E RODRIGO POLITO

Existe uma figura muito curiosa e fascinante, que dedica seu tempo a vagar pelas ruas, no intento de observar o que acontece ao seu redor, de captar algo de mais perene no cenário urbano. Este passante se locomove a pé – e sem pressa, como requer qualquer “trabalho” de análise da vida cotidiana que se preze. Tal personagem atende pelo nome de *flâneur* e surgiu há muitos anos atrás.

A cena moderna

A industrialização nos séculos XVIII e XIX trouxe consigo o fenômeno da urbanização das cidades européias e, como conseqüência disso, a formação das multidões, dos grandes conglomerados humanos. A mudança de ritmo na vida dos habitantes da cidade foi marcante; o desenvolvimento da linha de montagem das grandes fábricas e a ideologia do “tempo é dinheiro” passou a ditar o aproveitamento do tempo no cotidiano das pessoas. Houve a configuração de um novo tipo de experiência de vida, do tempo e do espaço. E foi durante o ápice dessa sociedade, nas décadas de 1830 e 1840, que ocorreu o aparecimento de uma figura que parecia alheia a tudo isso.

Mas quem é o flâneur?

É um observador que caminha tranqüilamente pelas ruas, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, sem se inserir na paisagem, que busca uma nova percepção da cidade. E para situar a curiosa figura do *flâneur* no tempo, é preciso entendê-lo, antes de tudo, como uma figura nascida na modernidade. Ele apareceu como o contraponto do

burguês, que dedicava grande parte do seu tempo ao mundo dos negócios. A *flânerie* conseguiu solidificar-se como a experiência própria daquele que gostava de perambular pelas ruas pelo simples prazer de observar ao seu redor; que não devia satisfações ao tempo e tinha a rua como matéria-prima e fonte de inspiração.

Mas não se pode tentar definir o *flâneur* sem mencionar o universo da obra do poeta francês Charles Baudelaire, na qual este errante e misterioso ser teve sua gênese determinada. Nesta, é marcante o



O errante e misterioso flâneur teve origem na obra de Baudelaire

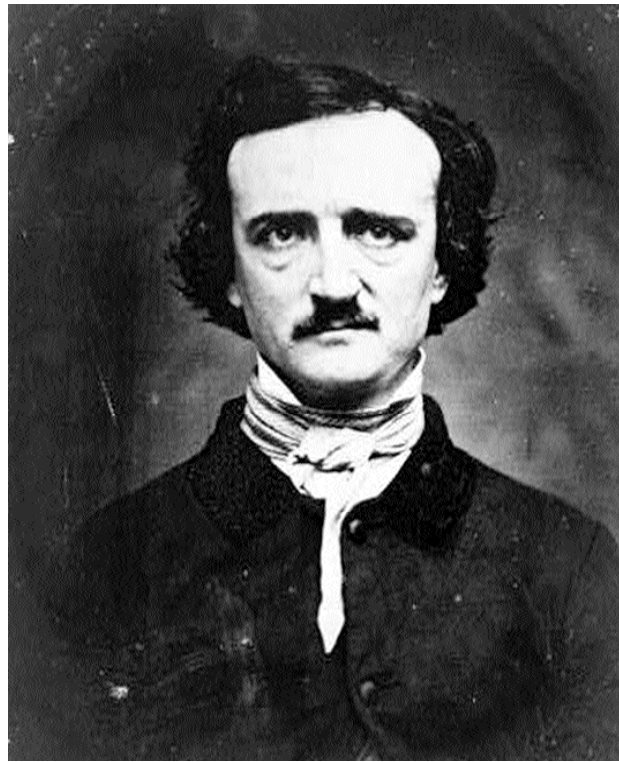
aspecto que trata das relações entre os fenômenos urbanos das multidões e a experiência vivida e transmitida pelo escritor através de sua forte expressão poética.

Segundo ele, a multidão seria a usina de força do *flâneur*; isso estaria evidente em alguns de seus poemas, como *Les petites vieilles* e *A une passante*, que traduzem a idéia do burburinho urbano e da passante que, após ser minuciosamente observada e estudada pelo autor, corre o risco de nunca mais ser vista por ele. É durante o dia que os aspectos mais característicos da modernidade tendem a revelar-se; é quando a multidão se refaz, se consolida e a máquina a vapor põe-se novamente a produzir em larga escala para abastecer a cidade faminta de significados.

É um cenário perfeito para o aparecimento dessa figura que está em todos os lugares e ao mesmo tempo em nenhum lugar. Entre todos, porém sozinho. Esse ser aparentemente indecifrável, que é o *flâneur*, dividido entre o encantamento e o temor da cidade.


Poe e “O homem da multidão”

O fascínio pela figura taciturna e misteriosa que se destaca dentro da multidão remete também à obra do escritor norte-americano Edgar Allan Poe. No conto “O homem da multidão”, o narrador encontra-se sentado num café londrino olhando e identificando cada integrante da turba que passa na calçada: “Conforme a noite avançava, progredia meu interesse pela cena. Não apenas o caráter geral da multidão se alterava materialmente (...), mas a luz dos lampiões a gás, débil, de início, na sua luta contra o dia agonizante, tinha por fim conquistado ascendência, pondo nas coisas um lustro trêmulo, vistoso. Tudo era negro, mas esplêndido”. É nesta hora que, de repente, ele se percebe preso na tentativa de decifrar uma figura representada por um velho decrépito. Angustiado e aflito, o narrador da história se levanta e começa a perseguir aquele personagem fascinante, em busca do desvendamento de seu mistério. No final da espreitada, a



“O Homem da multidão”, de Poe: narrador angustiado persegue velho misterioso pelas ruas

sentença: “Este velho é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa-se a estar só. É o homem da multidão. Será escusado segui-lo: nada mais saberei a seu respeito ou a respeito de seus atos”. Segundo a jornalista Eliane Salles, os primeiros *flâneurs* brasileiros surgiram no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e início do século XX. Alguns estudiosos citam Lima Barreto, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo e, principalmente, João do Rio como exemplos desta figura. Segundo João do Rio, “flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino.” E para os que, porventura, associem o ato de flanar com o da vagabundagem ou falta do que fazer, João do Rio diria: “É vagabundagem? Talvez. Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e contemplar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. É ter a distinção de perambular com inteligência”.E, hoje em dia, em pleno século XXI,


**Para o flâneur, a
noite seria a melhor
tradução para a
cidade pós-moderna**



A figura do flâneur surgiu como o contraponto do burguês, que dedicava seu tempo ao mundo dos negócios

seria anacrônico pensar na errante figura do flâneur?

A cena e obscena pós-modernas

Na pós-modernidade, o ritmo de vida tornou-se ainda mais acelerado do que no século XIX; muitas pessoas trabalham o dia inteiro e, devido a isso, o setor de serviços passou a oferecer uma gama de opções que denunciam a falta de tempo das pessoas, como se as 24 horas do dia não fossem mais suficientes. Academias funcionam de madrugada, assim como farmácias, cabeleireiros, videolocado-

ras, supermercados e outras formas de comércio. As pessoas, aparentemente, não dispõem mais de tempo – ou até mesmo de paciência – para sair às ruas, sem destino, apenas observando o que se passa ao redor. O sujeito pós-moderno não se fixa em um determinado centro. Ele muda todo o tempo e tem uma identidade fragmentada. Segundo Eliane Salles, “numa sociedade na qual o automóvel é sonho de consumo e caminhar a esmo é um negócio arriscado para alguns, com as inquietações, com a violência urbana, a flânerie, tal como ela foi definida na modernidade, parece não ter futuro”

A arte de andar

Embora não seja considerado um típico flâneur, o personagem Augusto, criado por Rubem Fonseca no conto “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, seria um exemplo do que possa ser essa

figura hoje. Durante o dia, ele cumpre seu papel social trabalhando na Companhia de Águas e Esgotos, de onde tira seu ganha-pão; e, à noite, ele se torna um andarilho, que busca inspiração para escrever um livro. É nesse momento que ele consegue fazer algo que lhe dê prazer, que escape da mesmice diurna. Seu real objetivo é encontrar uma arte e uma filosofia que o ajudem a estabelecer uma melhor comunhão com a cidade. O fato de perambular a pé à noite lhe proporciona uma visão mais real da cidade, de seus problemas e suas mazelas.

A noite seria a melhor tradução para a cidade pós-moderna. É quando a cidade, modificada, ilegível, se torna mais cidade e pode-se ter uma visão mais profunda e imparcial da mesma. O personagem não está interessado em uma visão panorâmica, longínqua, fragmentada, mas em reconciliar os detalhes com o todo da paisagem urbana. Augusto é a interseção entre todos os tipos de pessoas e, mais do que isso, é o elo comum entre todas as partes da cidade.

Mas o que seria *flanar* nos dias de hoje?

O *flâneur* é um ponto de tensões e contradições que divide a opinião daqueles que o estudam nos dias atuais. Alguns estudiosos falam que a *flânerie* contemporânea passou para os *shopping centers*, com a movimentação diária de pessoas que não necessariamente vão ao local para consumir, mas também para “verem e serem vistas”. Agora, o *flâneur* contracenava com cidadãos consumidores, num cenário de réplicas, ilusões. Por que não flanar pela Internet? Ou mesmo perambular de madrugada pelas ruas procurando a melhor opção de diversão disponível? Teria o *flâneur* do século XXI se transformado num adepto do automóvel e do microcomputador? Em depoimento a Eliane Salles, Renato Cordeiro Gomes, Coordenador da Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, afirma que “só seria possível associar a perambulação do *flâneur* ao *shopping* e à Internet através de uma metáforização dessa figura metropolitana, de um simulacro”. As sociólogas Maria Isabel Mendes de Almeida e Kátia Tracy lançaram este ano, pela Editora Rocco, o livro *Noites nô-*



Flâneur: em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em nenhum

Um novo jeito de aproveitar a noite, namorar e se relacionar com os amigos está surgindo nas grandes cidades

mades, que aborda a mudança no perfil do lazer noturno dos jovens. Um novo jeito de aproveitar a noite, namorar e se relacionar com os amigos está surgindo nas grandes cidades. Os jovens de hoje mudaram muito a maneira de se relacionarem entre si, principalmente no que diz respeito à vida boêmia. Há a aparição de um novo tipo de *flânerie*, que transforma a noite em uma categoria fundamentalmente espacial. Na primeira parte da obra, as autoras mostram como o título sugere que a noite de hoje é nômade: rapazes e moças não têm um ponto fixo como lugar de encontro. Há um eterno deslocamento. Quando saem à noite em busca de diversão, os jovens nunca estão indo para um lugar



Há um novo tipo de flânerie, no qual a noite é uma categoria fundamentalmente espacial

específico. O importante é a circulação que fazem por vários locais. “Estes grupos de jovens estão criando uma nova geografia para as cidades, que é muito transitória. O que importa é muito mais o trajeto do que o ponto fixo, o lugar-chave onde tudo acontece. Estes grupos não se reúnem mais por razões ideológicas, políticas ou culturais, como acontecia nos anos 1960. O que interessa, para eles, é experimentar as relações com os membros do grupo”, explica Maria Isabel Mendes de Almeida.

O escritor Affonso Romano de Sant’Anna resume bem a odisséia da garotada das noites nômades: “Deste modo, o fluxo, a dispersão ou, teoricamente dizendo, o deslizamento do significante, exemplifica-se na conversão de sujeitos em objeto. Objetos que, sendo significantes vazios, deixam de ser sujeitos. Por exemplo, volta-se para casa tendo beijado muitas bocas e nenhuma pessoa”. Assim, como nas análises da imagem das multidões modernas, o indivíduo, ainda hoje, é capaz de estar em grupo e potencialmente solitário, disperso, carente, fragmentado.



Fausto Fawcett: o perfil do flâneur noturno

“Cada vez que você sai de casa é jogado em um turbilhão de imagens, mensagens, sensações. O que eu escrevo, o que eu coloco em livros é um relato do que eu vejo e ouço por aí. O flâneur tem o lado patológico de hipervalorizar o passeio. E eu... eu sou um ‘flâneurlinha’ de Copacabana”, afirma o escritor e compositor Fausto Fawcett .

Tendo o afamado Cervantes, na rua Prado Júnior, em Copacabana, como ponto de partida, Fausto pode ir andando até o Maracanã, dar uma passada no Méier, inventar de beber um chope em Madureira, por exemplo, ou mesmo dar uma volta pelos inferninhos da mesma Copacabana, pois como ele mes-

mo diz: “no meu peito bate um coração de boate, tudo pelo prazer de ir, de sair”.

Segundo Fawcett, dentro dos bares e de boates, observando as pessoas nas ruas à noite, você vai encontrá-las um pouco mais irresponsáveis, enchendo a cara para aliviar seus problemas. “Mas para descobrir tudo isso é preciso gostar de observar a cidade e conversar com as pessoas”, acrescenta.

Para Fawcett, a noite tem uma aura de sensualidade, mistério, descoberta. “A noite é o lado escuro da aventura urbana. Boêmio seria uma palavra completamente entrosada com a definição de flâneur. Para ser um flâneur, é preciso ser um boêmio.

O flâneur é aquele que tem um road movie na alma.”

O compositor afirma ainda que existem pessoas que vivem da noite e para a noite. “É como se depois das sete, oito horas, todos comessem a uivar e saíssem para caçar, ou para serem caçados. Passei grande parte da minha vida indo dormir às sete da manhã”, explica.

Quanto ao futuro da flânerie na pós-modernidade, Fawcett afirma que, “devido à nossa querida globalização, o cinturão urbano está cada vez mais unido; o flâneur tem a possibilidade de vasculhar todas as cidades possíveis, internas e externas. A Internet já é considerada o sexto continente do mundo”.